

TRABALHADORES E A ESCOLA: viveres e experiências na cidade de Uberlândia

Janaína Ferreira Silva¹

GRUPO DE TRABALHO 4: TRABALHO E TRABALHADORES EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS

Resumo

Essa proposta de comunicação tem o objetivo de expor algumas reflexões iniciais sobre os trabalhadores e as relações construídas em torno de seus espaços escolares, na cidade de Uberlândia. As escolas são locais que também fazem parte de nossas cidades e por isso elas não estão fora do campo de conflito em que vivem os sujeitos históricos: a partir desse ponto surgiu a idéia de refletir sobre os significados das instituições escolares para os trabalhadores dessa cidade.

O viver a cidade também envolve nossas escolas e problematizar a função desse espaço social significa buscar as maneiras como se dão os embates na sociedade a formação dos sujeitos sociais que as freqüentam. O acesso a esse espaço sofreu mudanças nas últimas décadas, e a cidade de Uberlândia não ficou intocável nesse processo; percebemos então que as nossas escolas passaram a ter outras funções, objetivos e outros grupos sociais atendidos.

A cidade de Uberlândia é foco de vários estudos de diferentes áreas de pesquisa, fato que percebemos ao verificarmos o grande número de trabalhos acadêmicos desenvolvidos nesta universidade, especialmente nos Institutos de Geografia e no de História; isso não significa, entretanto, o esgotamento das possibilidades de análise e problemas.

Nesses campos de estudo, as temática de “*Trabalhadores e Cidades*” tem acumulado uma série de reflexões que mostram vários caminhos e desdobramento, mas não de discussões finalizadas. Imaginar um “fim da história” da cidade de Uberlândia, é algo inadmissível no campo dos estudos históricos, pois o próprio historiador como sujeito histórico, a partir do social vivido, elabora problemáticas, perguntando-se sobre as razões, os processos que constituíram a realidade, a investigação e as interpretações são formuladas a partir das concepções históricas teóricas metodológicas do pesquisador.

Esses apontamentos, expostos aqui de maneira simplificada, esclarecem como entendo que as temáticas não se esgotam e que é a problemática o fator essencial para o desenvolvimento da investigação histórica.

Não há o propósito de desvincular esses os temas: trabalhadores, escola e a cidade, mas sim refletir sobre as possíveis ligações existentes entre esses objetos que para muitos pesquisadores não mantém qualquer relação. Compreender como os sujeitos sociais *experenciam* as escolas em diferentes regiões da cidade em diferentes períodos históricos é algo que merece atenção da comunidade pesquisadora de nossa sociedade por englobar a vida na cidade. O espaço escolar em diferentes localidades é freqüentado atualmente por uma grande quantidade de trabalhadores, sendo ainda um lugar de trabalho de vários outros moradores da cidade.

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Célia Rocha Calvo. janainafferreirasilva25@hotmail.com

A partir de um rápido levantamento no curso de pós-graduação em Educação desta universidade, percebe-se que escolas de Uberlândia e outras localidades são pesquisadas em sua história em um campo de pesquisa que privilegia a história das instituições escolares. Seu objetivo, segundo Gatti “(...) é de se buscar uma aproximação do cotidiano escolar, suas práticas, representações e apropriações tentando encontrar possíveis interpretações sobre a história das instituições a ser investigada.” (GATTI, 2001, p.12)

O caminho de pesquisa que apresento difere daquele primeiramente por não tratar de uma escola específica, mas por buscar diferentes localidades da cidade e suas escolas e, assim, compreender as diferenças do espaço social que formam Uberlândia. Não devemos deixar de apontar que as territorialidades são formadas por sujeitos históricos que constroem suas vidas dentro do processo social de luta imposto pela sociedade capitalista.

Dessa forma, não existe o propósito de se pesquisar as instituições escolares “em si”, mas sim de problematizá-las dentro das relações sociais construídas pelos sujeitos sociais de diferentes territórios dessa cidade ao longo de um processo histórico de universalização da educação escolar. Refletir a cidade e os seus espaços – as escolas, de forma privilegiada – significa entender que a desigualdade social gera a segregação social e ainda que: “(...) a cidade e suas instituições devem ser vistas como espaços de produção de conflituosas relações que historicamente podem exprimir-se em dominação, cooptação ou consenso, mas também em insubordinação e resistência”. (FENELON,1999, P.6)

Nesse sentido, entendo ser possível compreender os significados atribuídos à escola e ao conhecimento escolar pelos trabalhadores em educação, estudantes e comunidade da cidade de Uberlândia, através de um trabalho historiográfico que aborde os sujeitos envolvidos nesse processo em meio ao qual se dá a educação escolar em nossa sociedade.

Um dos pressupostos presentes nessa pesquisa parte da concepção que a nossa sociedade é marcada em vários aspectos pela luta de classes sociais oriunda do sistema social capitalista que nossas relações sustentam. Vários estudos permitiram desvencilhar esse pressuposto daquele que chamamos de ortodoxia marxista, procurando compreender outros âmbitos e maneiras de se relacionar de nossa sociedade que não só aquele relacionado ao movimento operário. Déa Fenelon em “*O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?*” (FENELON,1992) aponta esse processo de mudanças pelo qual passou a história social, mas precisamente a corrente historiográfica marxista, abrindo o foco de análises sobre a vida das pessoas que formam a classe trabalhadora. Ao observar todas as dimensões dos viveres do povo podemos entender com maiores detalhes e nuances os processos nos quais os sujeitos se formam e se fazem enquanto classe trabalhadora.

É nesse sentido que a historiadora chama a nossa atenção, sugerindo que acrescentemos em nossas pesquisas o chamado termo ausente – a *experiência* – que Thompson muito bem utilizou em suas pesquisas, para que avancemos em nossas análises sobre o social.

Um historiador social, ao ampliar sua visão sobre a realidade histórica, deve conseguir elencar problemáticas sobre diferentes setores da nossa sociedade, sempre partindo do presente dos processos históricos vividos, que, com uma posição política, parte para a pesquisa com questões que lhe causam incômodos sobre as relações que construídas por si. Uma das grandes preocupações da historiadora Déa Fenelon parte deste ponto: qual o significado e a direção das mudanças sociais? Ou, em outras palavras, que futuro teremos ou queremos?

As cidades têm se destacado como um âmbito de pesquisa nesse tipo de história social; o viver dos trabalhadores na cidade traz um leque de possibilidades para se entender como a classe enfrenta questões relacionadas sobre o morar no espaço urbano. As escolas são um dos aspectos que compõem esse espaço, ali as pessoas elaboram suas experiências sobre as relações vividas no local e na cidade. De forma mais sucinta, o estar em uma escola não se desvincula do viver na cidade pelos trabalhadores.

Essa proposta de pesquisa surgiu a partir da minha prática enquanto professora na Escola Estadual de Uberlândia, popularmente conhecida como “*Museu*”, que fica no bairro Fundinho, próximo ao principal centro comercial de Uberlândia, mas precisamente na Praça Adolfo Fonseca. Essa escola foi estadualizada em 1929, sendo o prédio construído em 1921 e em princípio era uma instituição particular. Trabalhar nessa escola é algo curioso, justamente por ela ter várias décadas de funcionamento e ser possível encontrar pessoas que lá estudaram e hoje trabalham no mesmo local. Pessoas que possuem histórias para contar sobre sua própria vivência e sobre sujeitos de gerações anteriores, que também estudaram ou trabalharam no “*Museu*”.

Foi vivendo e convivendo nessa realidade que elaborei algumas problemáticas em torno do tema ‘*Cidades*’, ‘*Escolas*’ e ‘*trabalhadores*’. Como os sujeitos sociais de diferentes bairros da cidade vêm as escolas? Ao longo da formação da cidade que significados tinham esses espaços para os seus diferentes moradores? Como foi a participação das escolas na formação/constituição dos discursos progressistas que existem sobre essa cidade? E o que elas representam hoje na construção da imagem desenvolvimentista que ainda parece existir sobre a cidade de Uberlândia? Por que esses espaços na cidade sofreram transformações? Como aconteceram essas transformações para a população da cidade?

Não é necessário sucessivas leituras para perceber-se que mudanças aconteceram no sistema educacional brasileiro, sabe-se que as escolas públicas recebem a classe trabalhadora relativamente a pouco tempo, a partir da década de 40, atingindo-as com mais eficácia somente nos anos 60, 70, 80 e 90. Muitas pesquisas avaliam essa mudança na educação e entendem que a chamada “*crise*” em que se encontram nossas escolas foi devido a um fato aparentemente direto: instituições escolares estruturadas para as elites, e em certo momento passaram a tender um grande número de pessoas sem uma necessária remodelação e renovação. Sobre esse aspecto a historiadora Elza Nadai faz a seguinte observação:

(...) Ocorreram também transformações significativas na escola, sobretudo em função da entrada de crianças, jovens e adultos oriundos dos setores populares, antes marginalizados da instituição escolar. Esse movimento – iniciado nos anos de 1940, intensificado nos anos de 1950 com a estruturação dos cursos noturnos públicos, e, nas décadas seguintes, ampliando com outras medidas educacionais (...) acarretou o surgimento de uma escola de natureza diferente da conhecida, que não mais pode ser identificada aquela escola secundária do passado que o professor conhecia e tinha como referência e padrão. (NADAI, 2009, p. 33)

Como podemos avaliar esse aspecto transformador da educação e do viver das classes trabalhadoras? O acesso à escola pode ser entendido como um direito conquistado? Perante os viveres à cidade, como as pessoas entendem o acesso a esse espaço social?

O jornal Correio de Uberlândia veiculou em 2010 uma matéria que nos permite problematizar as relações entre os viveres de alguns moradores marcados pela exploração cotidiana em suas vidas e a escola. Essa matéria explica o funcionamento do

Programa Acelerando para Vencer (PAV) do Governo do estado de Minas Gerais, implantado tanto na rede estadual como municipal, e coloca a expectativa de uma estudante:

*Aos 13 anos, a estudante Natália Maria de Andrade Paixão faz parte de uma das turmas do Projeto Acelerar para Vencer desenvolvido na Escola Estadual Marechal Castelo Branco, no bairro Jaraguá. Por causa de uma mudança na estrutura familiar ainda na infância, a menina acumulou três repetências na escola e no ano passado, fez o 5º ano do ensino fundamental. A mãe da adolescente, a dona de casa Luzinete de Andrade, de 36 anos comemora a oportunidade que a filha tem de recuperar os anos de defasagem. “Ela entrou na escola com 3 anos de idade e não tem culpa de ter ficado atrasada. Agora se ela pegar firme, vai recuperar o que perdeu” Natália Andrade poderá fazer o 8º ano do ensino regular em 2011, com defasagem, ou fazer o 2º período do PAV e se matricular no ensino médio em 2012. Desta vez o sonho manifestado timidamente em ser uma pediatra se torna menos distante.*²

]

A reportagem deixa implícito o valor que uma escola tem na vida da mãe e da estudante. A escola é o espaço que permite construir sonhos, poder esperar que a realidade seja menos dura para os filhos no futuro, que tenham uma profissão respeitada e valorizada. A matéria do jornal, no entanto, se remete a uma idéia muito comum em nossa sociedade e que aparece na própria fala da dona de casa Luzinete: “Agora se ela pegar firme aí vai recuperar o que perdeu.” O que foi perdido não tem outra razão de ser a não ser a falta de vontade da estudante se não souber aproveitar as chances ao longo da vida. Cursar medicina e se tornar uma pediatra não acontecerá na vida da estudante se ela não se esforçar, mostrar empenho enquanto estudante.

A mãe Luzinete sabe que sua filha foi vítima das pressões que cercam o viver nessa cidade, pois desde tão pouca idade a escola era o único lugar confiável para deixá-la. Terminar os estudos, participando desse “programa de aceleração”, significa algo importante, pois os vários anos na escola asseguram a filha, Natália, o direito de poder recuperar a luta pelo sonho.

O referido Programa Acelerar para Vencer tem alguns objetivos: diminuir a evasão escolar, os números de repetência e com isso também os gastos públicos de manterem-se esses estudantes na escola. O nome do programa engrandece a imagem da escola como obstáculo e garante ao estudante o título de vencedor. Porém parece existir um contrassenso entre o que nossos governantes desejam para os nossos estudantes (“acelerar” para terminar os seus anos escolares) em relação aos que estudantes sonham ao frequentarem esses locais de aprendizagem: ser um profissional valorizado perante a sociedade, o que significa superar limites e pressões sobre suas vidas enquanto trabalhadores nessa cidade.

Como podemos perceber através da reportagem existe um campo social de relações emaranhadas, que se formam por meio dos viveres que as pessoas constroem cotidianamente. Buscar a complexidade dessas relações é um dos objetivos: o que são as escolas da cidade para os seus trabalhadores? O que elas (não) permitem concretizar em suas vidas? O conhecimento escolar tem significados na vida dessas pessoas? Como foi acontecendo o crescimento dos bairros e a expansão das escolas na cidade? Que processos são postos em ação para a construção de uma escola em um determinado bairro?

² SILVA, Selma. *Projetos reduzem repetência e evasão*. Correio de Uberlândia. p. A-6. Caderno Cidades 02/05/2010

As questões dos viveres dos trabalhadores a/na cidade envolvem esses espaços sociais; trago então a proposta de pesquisar como e de que maneira isso foi e está se constituindo ao longo das últimas décadas, de 60, 70, 80, 90 e 2000.

Para pensar os trabalhadores, o principal referencial são as reflexões do historiador inglês E. P. Thompson que conseguiu ao longo de seus estudos tornar-se um marco na historiografia marxista ao tratar de trabalhadores e suas culturas na Inglaterra do século XVIII.

Os seus estudos sobre os trabalhadores ingleses inspiram muitas pesquisas sobre outros trabalhadores em diferentes momentos históricos, uma vez que o próprio Thompson não se atenta à história desses sujeitos em aspectos puramente individuais, mas às dimensões das lutas que se constituem entre as relações humanas, pois:

a classe acontece quando alguns homens, como resultados de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens, cujos interesses diferem (e igualmente se opõem) dos seus. (THOMPSON, 1987. p. 10)

O historiador inglês aponta o que faz várias pessoas pertencerem à condição de classe, ou seja, fazerem parte de um grupo ou conjunto com interesses comuns, partilharem de experiências semelhantes na vida (sempre construídas nas relações com outras pessoas), compartilharem algumas condições sociais que podem ir do trabalho aos sonhos, expectativas e vontades sobre o mundo em que vivem.

Nessas conjunturas de lutas, a realidade social histórica se constitui em particularidades. Thompson se remete ao cuidado de esclarecer que seus estudos não tiveram o propósito de construir explicações e análises para todos os trabalhadores, ao contrário, ele enfatiza que cada realidade social (país, região, cidade, bairro, período histórico) tem as suas peculiaridades. A classe, portanto, só pode ser percebida no tempo, de acordo com o processo histórico vivido pelos sujeitos.

Nesse sentido, a leitura e apresentação das obras ligadas a renovação marxista tornam-se importantes por trazerem discussões e reflexões sobre como é o viver nessa cidade para trabalhadores.

A proposta que apresento também discute os viveres construídos nessa cidade, mas busca as relações que os trabalhadores constroem em torno das escolas que freqüentam, dos significados que tem o acesso a esse espaço social e ainda problematizar os valores, as funções e representações das escolas para trabalhadores de bairros periféricos que compõem a cidade de Uberlândia. A partir disso, a atenção dessa pesquisa estará centrada nas relações entre os viveres dos trabalhadores e as escolas da cidade.

Os procedimentos metodológicos sobre as fontes históricas assumem um papel importante, pois significa discutir, mesmo que implicitamente, o papel do historiador e a sua concepção de história, o que implica tomar posições políticas frente à realidade em que vivemos.

O historiador, como um sujeito histórico que vivencia em determinado momento e posição social deve colocar questões-problemas sobre a realidade, procurando investigar o processo histórico que se desenvolve na dinâmica das disputas na sociedade. As relações entre passado-presente devem assumir uma inversão, do presente para o passado, como explica E.P. Thompson:

Cada idade, ou cada praticante, pode fazer novas perguntas à evidência histórica, ou pode trazer à luz novas níveis de evidência. Nesse sentido, a

'história' (quando examinada como produto da investigação histórica) se modificará, e deve modificar-se, com as preocupações de cada geração ou, pode acontecer de cada sexo, cada nação, cada classe social .
(THOMPSON,1981,p.51)

O historiador inglês deixa nítido que são os pesquisadores que, ao investigar o passado, devem partir da sua realidade presente, isso significa buscar o desenrolar de um processo histórico. A realização de uma pesquisa, nesse sentido, parte de reflexões do historiador ao viver em determinada realidade; logo a elaboração de um trabalho historiográfico passa a ter objetivos específicos para o pesquisador em suas relações estabelecidas no social.

A partir dessa perspectiva o historiador assume um papel importante na escrita da História por colocar seus problemas e realizar suas interpretações sobre suas “fontes”. É dentro desses princípios essenciais que proponho um caminho de pesquisa. Para Yara Khoury (KHOURY, 2006) o termo “fontes históricas” carrega uma forte ligação com a escola historiográfica positivista por não problematizá-las, entendendo-as como neutras e como se fossem portadoras de uma verdade.

A pesquisadora acredita que entender fontes como linguagens seria a maneira mais correta para nós historiadores diante da construção de uma pesquisa histórica, pois assim elas são pensadas como práticas sociais formuladas na dinâmica da realidade social. Ler dessa maneira o material a ser pesquisado torna-se um grande desafio justamente por nos exigir uma tomada de posição enquanto historiadores frente ao vivido na sociedade.

Ao realizar um levantamento das possíveis evidências a serem pesquisadas, surgiu-me uma questão talvez importante para muitos historiadores: o período a ser pesquisado. Em princípio não haveria urgência em resolver essa questão, pois refletindo a partir do que a historiadora Déa Fenelon escreve em seu artigo(FENELON,1992) sobre a importância de inverter as relações em nossos trabalhos, no sentido de partir do presente, com problemáticas que nos impulsionem para o entender dos processos históricos que são constituídos ao longo do tempo pelos sujeitos sociais.

Porém, entendo ser necessário definir, mesmo que provisoriamente, um período para a busca das evidências iniciais: ao problematizar o presente vivido, faz-se necessário buscar o processo histórico em que os sujeitos sociais em movimento na sociedade constroem a realidade histórica. Partindo desse pressuposto, acredito que as décadas de princípio do maior acesso das escolas à classe trabalhadora – que estudiosos da Educação chamam de “massificação do ensino” – seria, em princípio, o início do período a ser pesquisado, ou seja, década de 50 aos primeiros anos do século XXI.

Estabelecida essa periodização existem algumas evidências históricas em que se pode realizar a pesquisa: jornais, documento/cartilhas de propagandas emitidas pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, correspondências recebidas pela Câmara Municipal e algumas revistas. Todos esses estão arquivados no Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Além dessas, existe a proposta de realizar entrevistas orais com trabalhadores de diferentes bairros da cidade.

A pesquisa se encontra em andamento e a proposta de apresentação desses caminhos de reflexão nesse simpósio, mesmo que ainda não se tenha análises profundas e complexas, será de grande valia para elaborar e definir ideias.

Bibliografia

FENELON, D. R. (Org.) *Cidades*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Série pesquisa em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Olho d'água, 1999. P. 6.

_____. O historiador e a cultura popular: história de classes ou história do povo? In. *História e Perspectivas*. Uberlândia n. 6,p. 5-23. jan/jun.

GATTI, G. C. V. *História e Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950)*. 2001. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001. p. 12.

NADAI, Elza. *O ensino de História e a "pedagogia do cidadão"*. In: PINSKY, Jaime (org.) *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2009. P.33.

THOMPSON, E. P. *Prefácio*. In: *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.1987. p. 10.

_____. Intervalo: *A Lógica Histórica*. In: *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.51